



Às vésperas do Dia do Índio, 20 homens teriam dado mais de 50 tiros na direção de um grupo da tribo que ocupa fazenda na Bahia, na região do descobrimento

Pataxós são expulsos a bala

Marcos Savini
Enviado especial

Cumuruxatipa (Bahia) — Há 500 anos, o capitão-mor Pedro Álvares Cabral enviou Nicolau Coelho para a foz do rio Cahi em busca de água doce. Na praia, alguns homens o esperavam com arcos e flechas. Nicolau fez o sinal e os índios baixaram as armas. Esse foi o primeiro contato entre um português e os nativos daquela terra que ainda nem havia sido batizada.

Cinco séculos depois, índios e brancos ainda não conseguem se entender. Foi nessa mesma foz do rio Cahi que empregados da fazenda Boa Vista expulsaram a tiros um grupo de pataxós que tenta reconquistar sua terra. Dois índios teriam sido atingidos pelos disparos.

Segundo os pataxós, que ocupam a fazenda desde 2 de abril, cerca de 20 homens teriam dado mais de 50 tiros na direção do lo-

cal onde os índios estavam acampados, por volta das 23h de segunda-feira. Na tarde de ontem, quando jornalistas e Polícia Federal chegaram ao local, acompanhados do procurador-geral da República, Paulo Fontes, o acampamento estava resumido as cinzas.

Com a chegada das autoridades, alguns pataxós saíram do mato, onde haviam se escondido, mas vários estavam desaparecidos. Seis deles foram parar na aldeia de Águas Belas, de onde denunciaram a agressão.

Vinte e cinco famílias de pataxós estavam na fazenda Boa Vista, uma das quatro da região do descobrimento ocupadas pelos índios. Enquanto os donos das outras três esperam pela desapropriação, o geólogo aposentado Victor de Queche, dono da fazenda, recusa-se a entregá-la à Funai. Ele comprou as terras em 1984. Em 330 hectares, cria 250 cabeças de gado e extrai coco. Para o fazendeiro, a área nunca

foi terra indígena, e já em 1820 pertencia a um inglês que comercializava madeira. Os índios retrucam que ali foi achada uma urna funerária indígena. Mas seu Victor, de 83 anos, garante que são apenas fragmentos de panelas de barro.

O fazendeiro afirma que os índios saíram por vontade própria e os únicos estampidos escutados na madrugada de ontem foram os rojões de sinalização soltados pelos empregados da fazenda, para comemorar a desistência dos pataxós. Respondendo aos policiais federais, os empregados entraram em contradição com o patrão, pois garantiram não terem ouvido nada, nem mesmo fogos de artifício. Até mesmo um cabo da 43ª Companhia da Polícia Militar de Itamaraju, de nome Vandelli, teria participado da expulsão, levando para fora da cidade os pertences dos índios em uma camioneta. "Eu não paguei nada, mais pagaria com prazer, porque

todo dia eu pedia para essas pessoas saírem das minhas terras", disse Victor de Queche. "Estou pronto para discutir a propriedade da fazenda em juízo".

A versão dos pataxós é outra. Segundo Josiane Neves de Oliveira, mulher do cacique João Brás, cerca de 20 capangas teriam dado mais de 50 tiros, alguns quase atingindo seus pés. "Você não devia ter feito isso conosco", bradava ela em direção a Gerson Rodrigues da Silva, um dos empregados da fazenda. "Quero justiça, e quero meu cocar e minhas roupas que vocês queimaram".

Segundo Josiane, em meio ao tiroteio alguns dos empregados teriam dito que iriam acertá-la, como já haviam ferido a bala dois dos pataxós. Os policiais não chegaram a encontrar traços de sangue e nenhum índio apareceu baleado até ontem à noite.

Segundo Jones Ferreira Leite, delegado da Polícia Federal em Porto Seguro, há indícios de que a

violência realmente ocorreu. "A versão apresentada pelo fazendeiro não parece verdadeira; ninguém sai de madrugada deixando tudo para trás e corre para o mato sem algo de grave acontecendo." Como não houve flagrante, ele espera que o Ministério Público se manifeste para iniciar o inquérito.

Quando os helicópteros da polícia e os carros dos jornalistas foram, no final da tarde, ali ficaram índios e brancos, numa tensa convivência. "Não tenho medo de índio e não vou sair daqui", afirma Victor.

José Conceição Ferreira, um pataxó de 48 anos e cinco filhos, pensa igual: "Agora é que eu vou ficar. Se nós temos direito a essas terras, queremos ela; desde criança que eu sempre vejo aparecer um fazendeiro destruindo nossas rocinhas", disse o pataxó, que até a noite de ontem não sabia o que havia acontecido com sua mulher. Ela fugiu ao ouvir os tiros.

Classificação

19/4/2000 Pg 16

CB

Documentação

Wanderlei Pozzembom



Agentes da PF, acompanhados do procurador Paulo Fontes, visitam área onde os pataxós teriam sido atacados: segundo os índios, 20 capangas dispararam mais de 50 tiros

CB
19/4/2000
16